

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

# Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro

Renato Basso, Giovanna Silva

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.8305>

Submetido em: 2024-03-20

Postado em: 2024-03-26 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

# Uma tipologia linguística para pejorativos baseados em nomes de animais no português brasileiro

## A linguistic typology for animal-based pejoratives in Brazilian Portuguese

Renato Miguel Basso – UFSCar<sup>1</sup>

Giovanna Costa Silva – UFSCar<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo do presente texto é investigar a semântica e a pragmática de nomes de animais usados como termos pejorativos no português brasileiro (PB) contemporâneo. Em nossa análise, propomos que alguns desses termos pertencem a categorias semântico-gramaticais distintas, e portanto devem ser classificados como ofensas, como injúrias e como injúrias de gênero, conforme argumentamos com base em dados de comportamentos e inferências linguísticas. Usando as ferramentas e métodos da semântica e da pragmática formais das línguas naturais, nossa proposta de análise será feita tomando como material um inventário não-exaustivo de termos comumente usados no Brasil.

**Palavras-Chave:** injúrias; ofensas; semântica.

**Abstract:** The aim of this paper is to investigate the semantics and pragmatics of animal names used as pejorative terms in contemporary Brazilian Portuguese (BP). In our analysis, we propose that these terms belong to distinct semantic-grammatical categories and, therefore, should be classified as offenses, insults, and gender-based insults. This classification is argued based on linguistic inferences and response to tests. Utilizing tools and methods from formal semantics and pragmatics of natural languages, our analytical proposal will be carried out using a non-exhaustive inventory of terms commonly used in Brazil.

**Keywords:** slurs; offenses; Semantics.

### Introdução

---

<sup>1</sup> [rmbasso@ufscar.br](mailto:rmbasso@ufscar.br); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2580-0365>

<sup>2</sup> [giovannacs@estudante.ufscar.br](mailto:giovannacs@estudante.ufscar.br); ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-7536-1078>

Entre as diversas propriedades e funções das línguas naturais, uma delas é a capacidade de ser usada para ofender, para agredir verbalmente as pessoas, e uma área linguística particularmente rica em termos ofensivos no português brasileiro atual são os nomes de animais. De fato, mesmo uma rápida introspecção já mostra que há mais nomes de animais usados de modo ofensivo do que elogioso, muitos dos quais serão investigados no que segue.

A análise dos termos pejorativos derivados de nomes de animais, contudo, é um tema pouco explorado, mesmo considerando a literatura internacional sobre injúrias e ofensas, ainda mais tendo em vista um quadro formal de análise linguística. Sendo assim, este texto tem como um de seus objetivos, ao analisar, classificar e descrever a semântica desses pejorativos, sanar essa lacuna, que se situa entre análise linguística e uma certa representação social de ofensa, que deixa transparecer os valores de numa dada sociedade numa dada época (cf. Mohr, 2013).

Para além do fato de que essas ofensas se enquadram na estratégia de diminuir indivíduos por suas características físicas e papéis sociais ao compará-los a animais, considerados inferiores a humanos, as ofensas baseadas em nomes de animais, como veremos, têm ainda a característica de expor o que é tomado como negativo pela sociedade brasileira contemporânea. Do ponto de vista linguístico, veremos também que esses termos pertencem a mais de uma categoria semântico-gramatical, e que podem ser distinguidas com base em seu comportamento linguístico.

O presente texto está organizado da seguinte maneira: na seção 1, discorreremos sobre as definições de injúrias e ofensas, e sobre as ferramentas teóricas usadas para lidar com termos pejorativos; na seção 2, apresentaremos os testes e comportamentos linguísticos que mobilizaremos em nossa argumentação; na seção 3, faremos as análises dos dados, ou seja, dos pejorativos derivados de nomes de animais. Por fim, a conclusão traz os principais resultados alcançados, algumas questões em aberto e temas a serem futuramente investigados.

## **1. Pejoratividade em linguística: sobre injúrias, ofensas e nomes de animais**

As línguas naturais exercem diversas funções: além das funções descritivas, persuasivas, interrogativas e argumentativas, elas também podem ser poderosas ferramentas para manifestar preconceitos e perpetrar agressões.

Ao pensarmos no português brasileiro (PB) contemporâneo, como, em princípio, é o caso para qualquer língua natural, podemos encontrar a presença de expressões e estruturas linguísticas que têm a função de ofender ou causar agressão verbal. Estas são moldadas pelos valores, crenças e normas de uma sociedade, portanto, a existência desses termos são um reflexo do estado atual da sociedade brasileira (cf., Basso, 2018; Quadros Gomes, 2022). Um termo ou expressão atualmente ofensivo pode não ter tido essa característica em tempos passados, e pode vir a perdê-la no futuro, assim como termos atualmente não ofensivos podem ganhar uma carga ofensiva futuramente.

Muitos pesquisadores consideram que a ofensa e a agressão verbal são formas de violência que acompanham a agressão física, pois ambas possuem o propósito de prejudicar ou ferir seu alvo. Na agressão física há a violência contra a integridade física do indivíduo, já na agressão verbal existe, entre outras coisas, a ausência da cortesia e o ataque à face do indivíduo. Nesse tipo de agressão também há o descrédito lançado sobre o outro – um discurso de desqualificação e de violência contra as características do alvo, seja questionando sua moralidade, suas origens, sua sexualidade, suas capacidades cognitivas, o formato de seu corpo e quaisquer outros aspectos que numa dada sociedade, numa dada época, seja considerado como algo a ser preservado e/ou tabu (cf. Bousfield; Locher, 2008). E, como adiantamos, nomes de animais podem ser usados justamente com essa função.

Há diversas maneiras possíveis de classificar os pejorativos derivados de nomes de animais, e, no que segue, apresentaremos algumas dessas classificações, principalmente aquela que divide esses termos em categorias gramaticais diferentes, como ofensas, injúrias, e injúrias de gênero, sendo estas últimas uma subcategoria das injúrias.

Antes de mais nada, podemos notar que os pejorativos baseados em nomes de animais não são todos iguais em seu uso com relação ao que têm como alvo, pois alguns ofendem somente mulheres ('piranha'), outros têm a ver com o formato do corpo ('baleia') ou com a orientação sexual ('veado'), enquanto alguns versam sobre comportamentos ('porco'), capacidade cognitiva ('anta'), e alguns ainda são racistas ('macaco'), entre outros que lamentavelmente são muito utilizados, expondo aspectos negativos (e criminosos) da sociedade brasileira atual<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Em Silva e Basso (manuscrito), exploramos os domínios semânticos que dão origem às ofensas baseadas nesses pejorativos, como comportamentos sociais, sexuais, formato do corpo entre outros.

A análise semântica de termos ofensivos, atualmente, parte do fato de que existem dois tipos de significado em língua natural, aquele que descreve o mundo e aquele que fala sobre a opinião do falante, e que podemos nomear, respectivamente, como “linguagem descritiva” e “linguagem expressiva” (cf., Kaplan, 1999; Potts, 2005, 2007; McCready, 2010; Gutzmann, 2015, 2019; Basso, 2018; Mendes de Souza, 2022, entre muitos outros). A linguagem (ou dimensão) descritiva, também nomeada de veri-condicional ou veri-funcional, trata de como o mundo está organizado, enquanto a dimensão expressiva (uso-condicional) reflete a opinião do indivíduo sobre o mundo, e, portanto, não é veri-condicional.

Mais precisamente, a linguagem descritiva trata da organização do mundo, de como o mundo é (foi ou pode vir a ser), e por isso um de seus conceitos fundamentais é o de condição de verdade – aqui, interessa saber se uma dada descrição se adequa ou não a um certo estado de mundo, e tal correspondência é base das análises em semântica veri-condicional, por exemplo. Quando falamos em linguagem expressiva, o conceito mais relevante é o de condição de uso, ou seja, não é sobre uma expressão adequar-se ou não ao mundo, mas sim sobre a condição de uso do termo, isto é, em como usá-lo adequadamente; por isso, a linguagem expressiva é uso-condicional.

Sendo assim, as expressões e construções linguísticas podem ser divididas de acordo com sua contribuição de significado, entre descritivas, expressivas ou mistas (i.e., quando sua contribuição se dá simultaneamente nas dimensões descritiva e expressiva), como sugerem McCready (2010) e Gutzmann (2015).

Xingamentos ou ofensas expressam a opinião do falante sobre um dado indivíduo em particular, contribuindo exclusivamente na dimensão uso-condicional. A sentença a seguir traz um exemplo de ofensa desse tipo:

(1) O João é um idiota.

A expressão ‘idiota’ em (1) ofende apenas o indivíduo João e expressa a opinião do falante sobre ele, mas não traz nenhuma contribuição de significado na dimensão veri-funcional, por exemplo.

Por sua vez, diferentemente das ofensas e xingamentos, as expressões que denominamos aqui de “injúrias” (*slurs*, em inglês) possuem uma natureza bidimensional, justamente porque carregam um conteúdo na dimensão expressiva, que é pejorativo e ofensivo, e um na dimensão descritiva, por selecionarem um grupo de indivíduos por

meio de alguma característica descritiva para ser o alvo da ofensa. Nesse sentido, as injúrias, em princípio, fazem simultaneamente duas contribuições de significado. Ou seja, ofendem (conteúdo expressivo) não apenas um indivíduo, mas todo um grupo de pessoas por alguma característica física, cognitiva e/ou social relevante (conteúdo descritivo). Esse é o caso de injúrias raciais, homofóbicas, capacitistas, xenófobas, entre outras.

Como nota de Hess (2021, p. 451):

Ao contrário dos últimos [i.e., xingamentos e ofensas], injúrias depreciam todo um grupo, definido por um fator como raça (percebida), etnia, religião, orientação sexual, etc., e não apenas um referente individual. Assim, injúrias expressam preconceito em relação aos grupos-alvo, o que explica sua extrema ofensividade. (Tradução nossa)<sup>4</sup>.

Vejamos como as injúrias funcionam com o exemplo abaixo:

(2) João é um retardado<sup>5</sup>.

Aqui, ‘retardado’ não somente ofende o indivíduo João como também as pessoas com deficiência ou com alguma condição de saúde mental/cognitiva (conforme percebidas por quem realiza o ato ofensivo), justamente por terem, segundo o falante, tal característica. Analisando ‘retardado’ podemos notar que tal termo faz uma contribuição veri-condicional (possuir uma condição mental) e uma contribuição uso-condicional (o falante não gosta de pessoas com deficiência, ou tem uma atitude negativa com relação a essas pessoas).

As injúrias de gênero têm um comportamento semelhante. Vejamos o próximo exemplo:

---

<sup>4</sup> No original, “Unlike the latter, slurs derogate a whole group, defined by a factor such as (perceived) race, ethnicity, religion, sexual orientation, etc., and not just an individual referent. Thus, slurs express prejudice towards the target groups which accounts for their extreme offensiveness.” (Hess, 2021, p. 451).

<sup>5</sup> É importante deixar claro que as injúrias são termos extremamente agressivos, cuja simples pronúncia ou uso acarreta sua carga ofensiva, e é justamente por esse motivo que muitas delas são alvo de ações judiciais criminosas, como as injúrias raciais e homofóbicas, por exemplo ‘macaco’ e ‘veado’. Por isso, de posse da distinção entre “uso vs. menção”, lembramos que ao longo deste texto apenas mencionamos os itens para investigá-los, eles não estão de forma alguma sendo usados.

(3) Maria é uma vagabunda.

De modo similar ao termo ‘retardado’ apresentado no exemplo (2) acima, que ofende não apenas o indivíduo, mas também o grupo de pessoas com algum déficit cognitivo (conforme percebido pelo falante), ‘vagabunda’, nesse caso, não ofende apenas um indivíduo, mas sim todas as mulheres e também Maria por pertencer a esse gênero. Portanto, a natureza desse termo enquadra-se como uma injúria de gênero, justamente por conta do seu conteúdo descritivo. Note que quando aplicado a homens, ‘vagabundo’ não tem a mesma conotação sexual que tem quando aplicado a mulheres.

Para uma melhor compreensão desse tipo de injúria, podemos considerar a definição de Scruton (2017, p. 7), que utiliza a nomenclatura “*gendered insult*”: “qualquer palavra ou frase, a qual é aplicada desproporcionalmente a um membro de um gênero específico e que está geralmente relacionada a expectativas ou normas sociais atribuídas a esse determinado gênero” (tradução nossa)<sup>6</sup>. Voltando ao termo ‘vagabunda’, ele é desproporcionalmente aplicado as mulheres quando se trata de comportamento sexual conforme previsto por uma norma social, que preza por relações monogâmicas e estáveis, sendo assim uma expressão usada para atingir o grupo das mulheres.

Assim, a partir dessas considerações, argumentamos que injúrias e ofensas são categorias gramaticais distintas dentro dos pejorativos, justamente porque possuem propriedades e comportamentos linguísticos específicos, que podem ser capturados por testes semântico-gramaticais. Na seção seguinte, exploraremos alguns desses testes, e então os aplicaremos aos pejorativos derivados de animais na seção 3.

## 2. Padrões linguísticos

Nesta seção, aplicaremos alguns testes linguísticos com o intuito de determinar se um dado termo pejorativo pode ser considerado uma ofensa, uma injúria ou uma injúria de gênero baseado em padrões linguísticos. Vejamos o primeiro exemplo, no qual encontramos a injúria xenófoba ‘paraíba’:

---

<sup>6</sup> No original: “A gendered insult is any word or phrase which is disproportionately applied to a member of a particular gender, and which generally bears some connection to societal expectations or norms placed upon that gender.”. Ver também Ashwell (2016).

(4) João é um paraíba.

O termo ‘paraíba’ carrega um componente descritivo, que é, basicamente, designar pessoas nascidas na região Nordeste do Brasil ou com ascendência nordestina, e é usado como uma forma de insultar pessoas nascidas nessa região, principalmente por pessoas do Sudeste e do Sul do Brasil, que, justamente por usarem tal expressão, indicam sua atitude negativa com relação a essas pessoas. No caso de (4), João é alvo dessa expressão xenófoba; no entanto, o que é importante notar do ponto de vista semântico é que essa expressão não possui como alvo apenas o indivíduo João, como apresentamos acima, mas também os indivíduos nascidos na região Nordeste ou com ascendência nordestina. É por essa razão que podemos argumentar que estamos diante de uma injúria, pois essa expressão carrega concomitantemente duas informações: que o João é um indivíduo nascido no Nordeste ou com ascendência nordestina (dimensão descritiva) e que o indivíduo que profere a sentença não gosta de pessoas dessa região ou com essa origem (dimensão expressiva).

Como mostra Gutzmann (2015, p. 30-32), uma caracterização mais precisa do componente expressivo seria algo como “o falante, em geral, não gosta de pessoas com a característica X”, em que “X” corresponde ao componente descritivo da injúria. Esses fatos todos podem ser justificados pelas inferências abaixo:

- suponha que João seja da região Nordeste;
- suponha que Pedro seja da região Sul;
- suponha que André seja da região Sudeste;

(5a) (dito por André) João é um paraíba, # mas, eu gosto das pessoas do Nordeste.

(5b) (dito por André) Pedro é um paraíba.

(5c) (dito por André) João é um paraíba, mas é uma pessoa legal.

(5a) é uma sentença semântica e pragmaticamente anômala porque o falante usa uma continuação que contradiz o conteúdo expressivo de ‘paraíba’; a sentença (5b) é falsa porque o conteúdo descritivo não corresponde ao mundo em que se faz tal fala, ou seja, o componente descritivo de ‘paraíba’ não pode se aplicar a Pedro; finalmente, a sentença (5c) é aceitável justamente porque o componente expressivo de ‘paraíba’ (e de injúrias em geral) permite exceções, conforme sugere Gutzmann (2015) - o falante que usa

‘paraíba’ não gosto de nordestinos em geral, mas João, apesar de nordestino, é uma exceção para o falante.

O caso em (5c) é particularmente interessante porque mostra que o indivíduo que profere a sentença não gosta ou tem uma atitude negativa com relação a pessoas que pertencem a um determinado grupo, por uma certa característica. Assim, com ‘paraíba’, compreende-se que o indivíduo possui uma aversão a pessoas nascidas na região Nordeste, mas possui uma exceção que é o João. A atitude negativa em relação ao indivíduo João pode ser cancelada, enquanto a avaliação negativa dos nordestinos em geral não pode ser cancelada, justamente como atesta (5a). Dessa forma, o termo ‘paraíba’ configura-se como uma injúria xenófoba, que, quando usada, pode ser parafraseada como “o falante que usa ‘paraíba’ tem uma atitude em geral negativa para com as pessoas da região Nordeste” – essa seria justamente o conteúdo expressivo ou uso-condicional desse termo. Na paráfrase, “em geral” indicado que injúrias permitem exceções, como ilustrado em (5c); o trecho “tem uma atitude negativa” refere-se à parte expressiva, e o trecho “pessoas da região Nordeste” refere-se ao conteúdo descritivo. Essa paráfrase pode ser capturada num esquema informal como o abaixo, sugerido por Gutzmann (2015, p. 32), na qual o conteúdo expressivo está acima do traço, e o descritivo, abaixo dele:

$$\text{João é paraíba} = \frac{\text{em geral, o falante não gosta de pessoas do nordeste}}{\text{João é nordestino}}$$

Note que esse esquema, em princípio, pode ser aplicado a qualquer injúria, e as diferenças se dariam no componente descritivo; se tomarmos ‘macumbeiro’ como exemplo de injúria religiosa, o conteúdo descritivo seria “pessoas que professam religiões de matrizes africanas”, e o restante seria o mesmo<sup>7</sup>.

Agora, repare na próxima sentença que carrega uma injúria de gênero:

<sup>7</sup> De um ponto de vista formal, Davis e McCreedy (2020) oferecem a seguinte análise para injúrias:  $[[S]] = \lambda x.G(x) \blacklozenge \text{X} : \langle e, t \rangle^a \text{X } t^s$ . Tal fórmula apresenta “ $\lambda x.G(x)$ ” como o conteúdo descritivo, em que “G” se refere à característica do grupo alvo, e “ $\text{X}$ ” representa o conteúdo expressivo, ou seja, a atitude negativa do falante para indivíduos em geral que possuem a característica G. O símbolo “ $\blacklozenge$ ” indica que a expressão é conteúdo misto, e o que aparece depois dos dois pontos, “ $\langle e, t \rangle^a \text{X } t^s$ ”, indica as regras de composição. Assim, o sobrescrito ‘a’ indica conteúdo descritivo, ou seja, ao usarmos uma injúria indicamos que um indivíduo e tem a característica G; por sua vez o sobrescrito ‘t’ indica o conteúdo expressivo, que é a atitude negativa do falante. Não exploraremos tal proposta a fundo aqui, mas ela é compatível com nessa análise dos pejorativos derivados de nomes de animais classificados como injúrias.

(6) Maria é uma puta.

‘puta’, num caso como em (6), é geralmente usado para atingir ou se referir a mulheres consideradas sexualmente promíscuas<sup>8</sup>. Portanto, o termo ‘puta’ não serve para criticar alguém simplesmente por ser feminino, mas também por ser sexualmente promíscuo. Veja a seguinte sentença:

(7) Maria é uma puta, mas ela é legal.

Considerando que ‘puta’ é utilizado para descrever uma figura feminina de maneira a criticar uma (suposta) promiscuidade, em (7) vemos a atuação do conteúdo expressivo das injúrias que permite exceções.

Utilizando o esquema acima, podemos ter o seguinte para esses de ‘puta’, que permite vislumbrar sua aplicação ao gênero “mulher”:

em geral, o falante não gosta (i.e., tem uma atitude negativa) de mulheres que ele considera promíscuas	
Maria é uma puta =	-----
	Maria é mulher

Ou seja, se compararmos a sentença (4) com a (6), apesar de estarmos diante de duas injúrias, veremos que ‘puta’ (no uso aqui relevante) só pode ser usado para mulheres, e assim podemos concluir que estamos diante de uma “injúria de gênero”<sup>9</sup> - uma categoria que aparecerá bastante ao lidarmos com pejorativos baseados em nomes de animais.

Passando agora às ofensas, considere o exemplo abaixo:

(8) João é um filho da puta.

---

<sup>8</sup> O item ‘puta’, como notam Basso e Mendes de Souza (2020), é bastante complexo, e pode ser um intensificador, um adjetivo, uma interjeição etc. Contudo, é importante notar aqui que quando usado para homens, o significado é bastante diferente do que temos com (6): “João é um putto” não tem a ver com o comportamento sexual do João, por exemplo.

<sup>9</sup> Nesse contexto, é interessante citar o fenômeno de reapropriação (da língua inglesa, *reclamation*), que acontece somente com as injúrias, mas não com as ofensas. A reapropriação, simplificada, é quando o grupo ofendido usa internamente, i.e., entre os membros do grupo, a injúria, porém não mais com carga ofensiva, que só existe quando usada por membros de fora do grupo. Podemos citar como exemplo os termos ‘veado’ e ‘bicha’ no contexto brasileiro, e um termo como ‘nigga’ no contexto do inglês norte-americano. Seja como for, não exploraremos aqui termos reapropriados nem sua semântica (cf., Bianchi, 2014; Popa-Wyatt, 2020).

‘filho da puta’ é um tipo de palavrão abusivo (Bergen, 2016) relacionado à linhagem familiar. Mas note que aqui, atualmente, não há uma interpretação literal: não remete a alguém que tem como mãe uma pessoa promíscua, ou que se prostitua (e tal fato sendo atualmente avaliado como algo negativo). Seu uso, na verdade, indica uma forte desaprovação ou raiva em relação à pessoa mencionada, que, nesse caso, é João. Como podemos ver, sua interpretação não envolve a descrição nem a delimitação de um grupo de indivíduos - com (8) não há a seleção de um grupo de indivíduos por meio de alguma característica descritiva, mas sim a expressão de uma disposição negativa por parte do falante em relação a um único indivíduo. É justamente por isso que não encontramos para (8) um padrão como aquele de (5), por exemplo, e a negação direta do conteúdo expressivo, mesmo quando possível, é diferente do que temos com (5c):

(9) João é um filho da puta, mas ele é legal.

Realizando uma comparação desta sentença (9) com a (5c), podemos notar que, diferentemente de (5c), (9) envolve a mesma dimensão avaliativa e uma comparação interna a ela, ou seja, o falante que profere (9) desaprova João em alguns aspectos e considera que ele também tem aspectos positivos em outros aspectos. Para (5c), a negação envolve uma comparação entre dimensões distintas, ou seja, o falante tem uma atitude positiva com relação a João (expressiva) apesar de ele ser nordestino (descritiva).

Considerando essas características, o esquema para ofensas é como abaixo, no qual a linha que corresponde ao conteúdo descritivo é vazia, justamente porque ofensas não carregam tal componente:

$$\text{João é um filho da puta} = \frac{\text{o falante tem uma atitude negativa para com o João}}{\emptyset}$$

O quadro abaixo traz um resumo das características de cada um desses tipos de pejorativo, com alguns exemplos:

Tabela 1: diferentes tipos de pejorativos

	<b>A quem atinge</b>	<b>Características</b>	<b>Termos</b>
<b>Ofensas</b>	Atacam um único indivíduo	Unidimensionais Somente componente expressivo	canalha, filha da puta, otário, babaca
<b>Injúrias</b>	Atacam uma classe de indivíduos	Componente descritivo e expressivo	paraíba, retardado, crente, nóia, japa, índio
<b>Injúrias de gênero</b>	Atacam um grupo de indivíduos de acordo com sua definição de gênero	Componente descritivo e expressivo	vagabunda, vadia, puta

Essas são as principais características, propriedades e padrões de inferências que usaremos na próxima seção para investigar e classificar os pejorativos baseados em nomes de animais, que, como esperamos mostrar, são mais complexos do que parecem a uma primeira vista, pois pertencem a classes distintas, como as vistas na tabela 1 acima.

### 3. Análise dos dados

Nesta seção, argumentaremos, com base no que apresentamos na seção anterior, que os pejorativos derivados de animais no PB podem ser enquadrados como ofensas, injúrias e injúrias de gênero. Nossa análise não será exaustiva, ou seja, não buscaremos investigar todas as ocorrências desses termos no PB, mas nossas conclusões e ferramentas analíticas podem servir como um guia para a classificação de outras expressões que possam compor um inventário mais completo de pejorativos derivados de nomes de animais no PB. O intuito deste texto é apenas mostrar que esses termos pejorativos não funcionam da mesma maneira com relação às suas propriedades semântico-gramaticais.

Sobre os dados que analisaremos, eles serão baseados em nossa intuição de falante nativo, do interior de São Paulo, com o cuidado de usarmos termos que são, em princípio, facilmente reconhecíveis e estáveis em todo o território brasileiro. Obviamente, um trabalho com base em *corpora* é bem-vindo, porém, (i) nosso objetivo neste texto é uma

análise ampla o suficiente para ser aplicada a quaisquer desses pejorativos e (ii) estamos diante de termos cuja ocorrência em *corpora* não é das mais comuns, assim como é o caso para diversos tipos de pejorativos<sup>10</sup>.

Entre os termos que selecionamos como exemplos das categorias propostas estão os seguintes<sup>11</sup>:

Ofensas: anta, burro, cão, cobra, jegue, jumento, mula, porco;

Injúrias: macaco, baleia;

Injúrias de gênero: cadela, égua, galinha, piranha, vaca, veado, cavalo, baleia.

As ofensas selecionadas, como é esperado, têm como alvo único indivíduo, e não um grupo de indivíduos, e também não podem ser classificadas como injúrias de gênero, pois podem ser usadas, em princípio, para quaisquer pessoas independentes do gênero. Mesmo que algumas ofensas sejam mais aplicadas a um gênero, sua aplicação a ambos não gera diferenças de interpretação. Consideremos os exemplos a seguir:

(10) João/Maria é burro/burra.

(11) João/Maria é/tá uma cobra.

(12) João/Maria é o cão.

O exemplo em (10) ilustra um caso em que há concordância entre o sujeito e o termo pejorativo; os casos (11) e (12) exemplificam termos que não disparam concordância. Seja como for, o ponto aqui é (i) o alvo da ofensa é sempre um único indivíduo e (ii) e ela se aplica igualmente a qualquer pessoa.

Para qualquer caso de ofensa, o esquema que pode ser usado é o que apresentamos a seguir; obviamente, cada ofensa tem sua peculiaridade no que compõe seu componente expressivo (qual é o tipo de ofensa e sua intensidade, por exemplo), mas aqui o que nos interessa é que não há contribuição descritiva:

---

<sup>10</sup> Esses termos pejorativos derivados de nomes de animais aparecem muito mais na oralidade, de modo que, em geral, se forem encontrados em *corpora*, serão aqueles *corpora* estão mais próximos da oralidade como em comentários de Instagram, Twitter e mensagens de texto.

<sup>11</sup> Alguns dos termos selecionados, como é comum acontecer com termos pejorativos, podem ter mais de uma acepção e pertencem a mais de uma categoria gramatical, além de variarem de significado de região para região do Brasil. Assim, 'cão', por exemplo, pode referir à figura do 'diabo', e 'égua' pode ser uma interjeição em algumas localidades. É importante que nosso foco aqui é no uso desses termos como pejorativos que ofendem um indivíduo (ofensa) ou uma classe de indivíduos (injúrias e injúrias de gênero).

João é o cão João é uma anta = Maria é burra	o falante tem uma atitude negativa para com o João/Maria ----- ∅
--	--

A concordância de gênero nos pejorativos é algo que deve ser considerada com cuidado, porque nem sempre se trata apenas disso; dito em outras palavras, ao mudarmos o gênero gramatical superficial da palavra, podemos estar diante de itens que pertencem a classes diferentes. Por exemplo, ‘burro’ e ‘burra’ são ofensas que se diferenciam apenas pela concordância; de modo similar, ‘macaco’ e ‘macaca’ são injúrias (raciais) que se diferenciam também somente pela concordância, pois as duas formas carregam os mesmos conteúdos descritivos e expressivos (claro, com os ajustes trazidos pela concordância). Assim, um esquema para ‘macaco/a’, tomando a sentença abaixo, seria como<sup>12</sup>:

	o falante tem uma atitude negativa para com pessoas pretas
João/Maria é um/a macaco/a =	----- João/Maria é preto/a

Tomando o termo ‘baleia’, podemos considerá-lo também como uma injúria que também atinge indivíduos independentes de seu gênero, com a diferença de que não apresenta concordância de gênero gramatical. Seu significado pode ser capturado pelo esquema abaixo<sup>13</sup>:

	o falante tem uma atitude negativa para com pessoas obesas
João/Maria é uma baleia =	----- João/Maria é uma pessoa obesa

---

<sup>12</sup> Nunca é demais enfatizar que termos como ‘macaco/a’ são injúrias raciais, passíveis de processos criminais, por reforçarem um longo preconceito, infelizmente ainda bastante enraizado na sociedade brasileira. Aqui, os termos não estão sendo usados, mas apenas mencionados para efeitos de análise linguística.

<sup>13</sup> ‘baleia’ é um exemplo de gordofobia, ou seja, o preconceito contra pessoas gordas e possui consequência jurídica na esfera criminal e cível. Em geral, devido ao machismo presente na sociedade brasileira, esse termo é mais associado a mulheres, mas não é unicamente dirigido a esse grupo.

Como é de se esperar, a diferença na concordância de gênero gramatical se manifesta de maneira mais interessante quando tratamos de injúrias de gênero. Começamos com termos invariáveis que exemplificam essa classe, como ‘piranha’; tal termo é aplicado apenas a mulheres, e tem a ver com comportamento sexual (simplificando bastante as coisas):

	o falante tem uma atitude negativa para mulheres
	que têm um certo comportamento sexual
Maria é uma piranha =	-----
	João/Maria é uma pessoa obesa

A disparidade entre gêneros no uso do termo ‘piranha’ é bastante clara, e inclusive é usada com o intuito de causar efeitos de significado (como humor e ironia) quando se aplica a termos que se referem a homens, como é o caso da música “Muleke Piranha”, de Mc Buiú. A música só tem o efeito que tem, qual seja, atribuir ao homem uma característica promíscua com uma dose de humor justamente porque emprega um item que é desproporcionalmente usado tendo mulheres como alvo, e é exatamente isso que permite classificar tal termo como uma injúria de gênero.

Tomemos agora os termos ‘cachorra’ e ‘cachorro’, que superficialmente apresentam apenas uma diferença de gênero gramatical, e assim poderiam ter um comportamento semelhante a ‘burro/burra’, caso sejam uma ofensa, ou a ‘macaco/macaca’ caso sejam uma injúria. Em nossa análise, consideraremos, na verdade, que os termos ‘cachorra’ e ‘cachorro’ são duas injúrias de gênero distintas, e que a aparente concordância gramatical identifica dois termos distintos, justamente porque têm significados diferentes.

‘Cachorra’ se aplica (desproporcionalmente) a mulheres e têm um significado depreciativo de cunho sexual: mulher que possui um comportamento considerado reprovável, sinônimo de vadia, sem vergonha, puta, vulgar. Por sua vez, ‘cachorro’ se aplica (desproporcionalmente) a homens e possui outra acepção: homem safado, canalha, que não tem caráter, porém também pode ter conotação de lealdade, de força, e tem pouco ou nenhuma conotação sexual. Ou seja, são exemplos de pejorativos que mudam de significado quando o gênero gramatical é alterado.

Essas breves considerações sobre gênero gramatical aqui ilustram o fato de que, ao analisarmos caso a caso os pejorativos derivados de nomes de animais, devemos ter cautela para identificar seu significado independentemente de sua forma superficial.

Por fim, baseado nos exemplos das inferências acima com a injúria ‘paraíba’, podemos agora analisar uma injúria derivada de nome de animal para atestar o mesmo comportamento semântica-gramatical:

- suponha que João seja homossexual;
- suponha que Pedro seja heterossexual;
- suponha que André seja heterossexual

(13a) (dito por André) João é um veado, # mas, eu gosto dos homens homossexuais.

(13b) (dito por André) Pedro é um veado.

(13c) (dito por André) João é um veado, mas é uma pessoa legal.

A sentença (13a) emprega uma conjunção adversativa ‘mas’ o que produz um efeito de contradição ou de quebra de expectativa entre os conteúdos relacionados, e o resultado é uma sentença semântica e pragmaticamente estranha justamente porque o falante não pode negar o conteúdo expressivo com esse tipo de estrutura. Em (13b), há uma afirmação falsa, pois o conteúdo descritivo não condiz com a realidade; por fim, a sentença (13c) é aceitável devido ao componente expressivo ‘veado’ (e de injúrias em geral) permitir exceções, como acontece com o conteúdo que sucede o ‘mas’ nesse caso.

Alguns pejorativos, como vimos anteriormente, podem adquirir significados diferentes quando direcionados a homens ou mulheres, que é o caso das injúrias de gênero, que têm um comportamento linguístico semelhante, e refletem normas sociais, estereótipos de gênero e percepções construídas culturalmente associadas a um dado gênero.

A tabela abaixo traz um resumo dos resultados da nossa análise, e nela elencamos os pejorativos derivados de animais que identificamos, lembrando que nossa análise não é exaustiva, ou seja, novas expressões podem acrescentadas ao quadro, porém nossa hipótese é que elas pertencerão a uma das três categorias que propomos para analisar tais termos.

Tabela 2: tipos gramaticais de pejorativos derivados de nomes de animais

	<b>A quem atinge</b>	<b>Características</b>	<b>Termos</b>
<b>Ofensas</b>	Atacam um único indivíduo	Unidimensionais Somente componente expressivo	anta, baleia, burro, cão, cobra, jegue, jumento, mula, porco
<b>Injúrias</b>	Atacam uma classe de indivíduos	Componente descritivo e expressivo	macaco, baleia
<b>Injúrias de gênero</b>	Atacam um grupo de indivíduos de acordo com sua definição de gênero	Componente descritivo e expressivo	cachorra, cadela, égua, galinha, piranha, vaca, cavalo, cachorro, veado

Por fim, cabe fazer algumas considerações sobre a distribuição encontrada. Há poucos pejorativos de animais que são injúrias, e há um número bem maior que se configura como injúria de gênero. Entre estes últimos, a grande maioria tem como alvo mulheres; um triste reflexo da sociedade ainda extremamente machista na qual vivemos, ainda mais considerando que boa parte dessas injúrias têm caráter moralista sobre um tipo de comportamento sexual percebido como (in)correto. A análise que empregamos aqui, eminentemente de cunho semântico-gramatical, ao lidar com termos que recebem seu significado negativo justamente devido aos valores da sociedade, funciona também como um retrato dos valores da sociedade atual, e aponta direções que, preferencialmente num futuro bastante próximo, podem levar a melhores condições de igualdade.

### **Considerações finais**

Neste artigo, tivemos como foco pejorativos derivados de nomes de animais no português brasileiro contemporâneo, e em como classificá-los de acordo com seu comportamento semântico-gramatical.

A análise de termos pejorativos permite classificá-los em pelo menos três categorias, quais sejam: ofensas, injúrias e injúrias de gênero. As ofensas têm como alvo apenas um indivíduo e são unidimensionais (apenas têm contribuição expressiva); as

injúrias são bidimensionais (contribuem na dimensão descritiva e na expressiva); por sua vez, as injúrias de gênero são também bidimensionais, mas são desproporcionalmente usadas para um gênero específico percebido numa dada sociedade. Além dessas características, vimos também que há padrões de inferências específicos associados a cada uma dessas categorias.

Usando essas ferramentas, argumentamos que os pejorativos derivados de nomes de animais no PB não são iguais nem em sua carga pejorativa, nem em seu comportamento semântico-gramatical, podendo ser agrupados como ofensas ('burro/a'), injúrias ('baleia') e injúrias de gênero ('vaca'). Nossa análise permite também vislumbrar alguns dos valores que importam para a sociedade brasileira atual, e que estão por trás da carga ofensiva dos itens aqui analisados.

Por fim, resta dizer que nossa análise não é exaustiva e que deve ser tomada como uma guia para outros pejorativos derivados de animais que possam vir a ser considerados; sejam eles quais forem, nossa hipótese é que eles se enquadrarão em uma das categorias propostas. Além disso, a análise aqui feita é um primeiro passo para uma descrição formal do significado das expressões envolvidas, e essa é mais uma contribuição do presente trabalho.

### **Authors contribution**

Both authors are equally responsible for the paper.

### **Conflicts of interest**

The authors hereby affirm that there are no conflicts of interest and processes for handling conflicts of interest of authors, reviewers, editors, journals and publishers, whether identified before or after publication.

### **Referências bibliográficas**

ASHWELL, L. Gendered slurs. *Social Theory and Practice*, 42(2), 228-239. 2016.

BASSO, R. M. Palavrão é legal pra caral\*o. *ROSETA*, Abralín, 2018.

BASSO, R. M.; DE SOUZA, L. M. Puta: a sintaxe e a semântica de um controverso intensificador. *Revista Diadorim*, v. 22, n. 2, 2020.

BERGEN, Benjamin K. *What the F: What Swearing Reveals About Our Language, Our Brains, and Ourselves*. New York: Basic Books, 2016.

BIANCHI, C. Slurs and Appropriation: An Echoic Account. *Journal of Pragmatics* **66**, pp. 35–44, 2014.

BOUSFIELD, D, LOCHER, M. A. (eds) *Impoliteness in Language: Studies on its Interplay with Power in Theory and Practice*, Berlin, NY: Mouton de Gruyter, 2008.

DAVIS, C.; McCREADY, E. The Instability of Slurs. *Grazer Philosophische Studien*, 97(1), 63-85, 2020.

GUTZMANN, Daniel. *The grammar of expressivity*. Oxford: Oxford University Press (Oxford studies in theoretical linguistics, 72), 2019.

GUTZMANN, Daniel. *Use-conditional meaning: studies in multidimensional semantics*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

HESS, L. Slurs: Semantic and pragmatic theories of meaning. In: STALMASZCZYK, P. (eds.), *The Cambridge handbook of the philosophy of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

KAPLAN, David. The meaning of ‘ouch’ and ‘oops’: Explorations in the theory of meaning as use. (2004 version). Manuscrito. University of California, Los Angeles, 1999.

MCCREADY, Elin. Varieties of conventional implicature. *Semantics and Pragmatics*, v. 3, p. 8-57, 2010.

MENDES DE SOUZA, L. Testando expressões com conteúdos mistos. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 8 n. 1, 2022.

MOHR, M. *Holy Sh\*t: A Brief History of Swearing*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

POPA-WYATT, M. Reclamation: Taking Back Control of Words. *Grazer Philosophische Studien* **97**, pp. 159–176, 2020.

POTTS, Christopher. The expressive dimension. *Theoretical Linguistics*, v. 33, n. 2, p. 165-198, 2007.

POTTS, Christopher. *The Logic of Conventional Implicatures*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

QUADROS GOMES, A. A força do palavrão. *Divulgando Linguística - DLF da UFRJ*, 2022.

SCRUTON, E. *Gendered Insults in the Semantics-Pragmatics Interface*. Bachelor thesis, Yale University, 2017.

SILVA, G. C.; BASSO, R. M. A natureza da ofensa dos termos derivados de animais. Manuscrito.



## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.